

Paisagens Vividas e
Imaginários Urbanos em
Disputa:
memórias e paisagens nas
narrativas de jovens do
Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

Nola Patrícia Gamalho

Álvaro Luiz Heidrich

1. Introdução

O principal acesso ao bairro Guajuviras é o situado no encontro das avenidas Boqueirão e Dezesete de Abril. Ao pegar esse acesso, logo são avistados os blocos de apartamentos da produção de habitação popular. Nas ruas o movimento é constante, tanto de automóveis, carroças, ônibus, quanto de pedestres, animais... É um vaivém ininterrupto de homens, mulheres, jovens, crianças... Nessa avenida estão localizados diversos estabelecimentos comerciais, educacionais, recreativos e religiosos, constituindo uma centralidade local. Perpendicularmente à avenida principal estão as ruas que dão acesso ao interior dos setores e das vilas. Materialidades distintas são apenas alguns dos indicativos que localizam o visitante. Ruas mais estreitas com calçadas igualmente estreitas são materialidades da paisagem que revelam se o local teve origem no planejamento e produção de habitação popular ou em ocupações de áreas verdes. Nada é homogêneo, e uma mesma rua contém moradias mais estruturadas e outras mais precárias: casas construídas com sobras de madeira, casas pré-fabricadas, casas de alvenaria, algumas com reboco e pintura, outras não. Entre as casas e as ruas, os limites também são diversos e nem sempre consistem em separações. Pouco ocultam as cercas de madeira, fronteiras fluidas em que as crianças vizinhas brincam e pelas quais os cães fogem. Dali, os movimentos nas ruas são visíveis e controlados. Já os muros lembram que ali, como é comum na região metropolitana, o perigo é iminente. Seja nas tardes de inverno, quando o sol brinda o lugar com seu calor, seja no final das tardes de verão, quando ele dá uma trégua, as ruas ficam ainda mais povoadas. Numa delas, dividida em dois times de futebol, crianças ou jovens jogam. Os carros diminuem a velocidade, os jogadores seguram a bola para outros moradores ou visitantes passarem. Na outra esquina, um grupo de jovens que ali se encontram, paqueram, fumam, riem... Na praça, enquanto as crianças brincam nos balanços, alguns jovens dividem um beque¹, jogam bola, conversam, paqueram, consolidam grupos territoriais.

1. Denominação dada ao cigarro de maconha.

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

Essa espacialidade, cuja paisagem narrada inicia o texto deste artigo, é o bairro Guajuviras², localizado no município de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, na Região Sul do Brasil. O bairro pode ser visto como uma repartição da própria região metropolitana, dada a sua integração espacial com ela. Essa breve introdução apresenta resíduos da vida de bairro apreendidos a partir das paisagens e pelas narrativas de jovens. Essas múltiplas camadas de sentidos (COSGROVE, 1998), lógicas, interesses e temporalidades são vividas, significadas e produzidas por diferentes agentes e atores (DI MÉO; BULÉON, 2007), como comerciantes, moradores e administração municipal. O percurso de formação do bairro, associado a diferentes processos de ocupação urbana e suas representações, corresponde à paisagem como marca e matriz (BERQUE, 1998) que emerge como materialidades e sentidos, atuando nas formas de percepção, concepções e vivências.

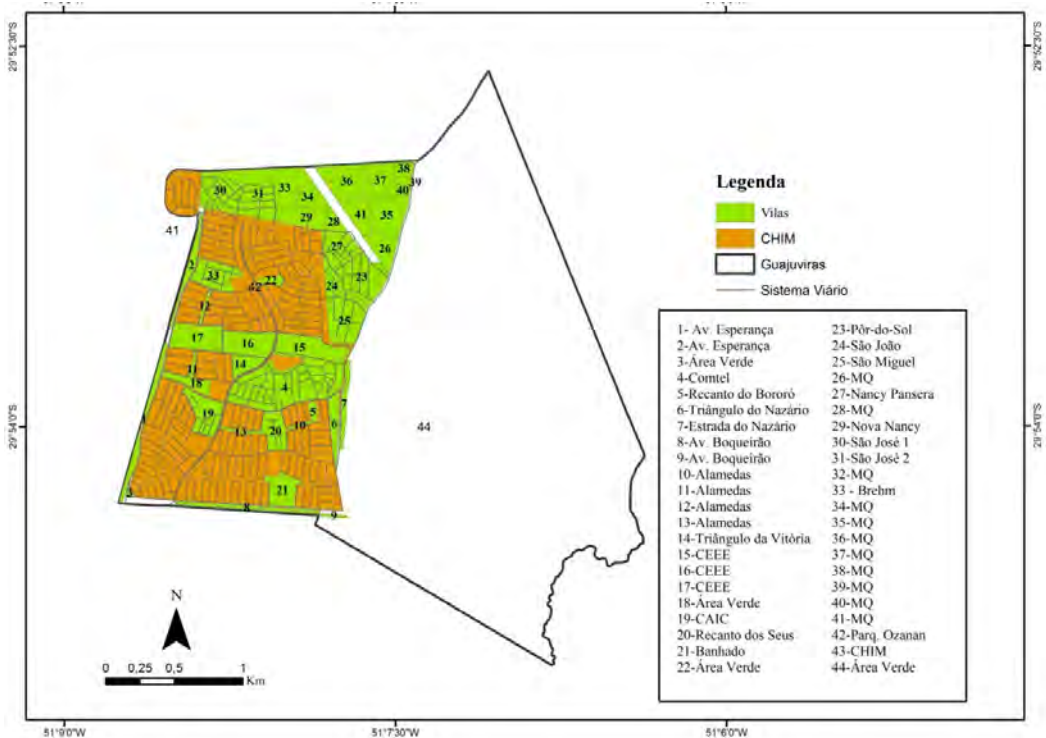
A origem do Guajuviras está relacionada ao conflito entre o planejamento público e a população ocupante. Mesmo sendo um espaço planejado inicialmente como habitação popular, é resultado de múltiplos processos de ocupação, primeiro dos prédios e casas construídos pela Companhia Estadual de Habitação do Rio Grande do Sul (COHAB/RS) e, depois, de áreas verdes, cujas ocupações passaram a ser denominadas “vilas” (Figura 1). É constituído por essas materialidades, mas também pelos sentidos associados à subversão à propriedade privada, em função das ocupações tidas como ilícitas e pelos mecanismos de apropriação do espaço (LEFEBVRE, 2013), por exemplo, o uso das ruas e praças como espaços de sociabilidade, gerador de paisagens singulares e de cotidianos intensamente compartilhados.

2. Este artigo é resultado de releituras baseadas na pesquisa de doutorado sobre a produção de espaços e sujeitos jovens no bairro Guajuviras. A tese, de autoria de Nola Patrícia Gamalho, com orientação de Álvaro Luiz Heidrich, intitula-se *Entre dominações e apropriações, reproduções e criações, centralidades e periferias: práticas e espaços de representações de jovens do Guajuviras – Canoas/RS*.

Nola Patrícia Gamalho & Álvaro Luiz Heidrich

As paisagens que compõem o Guajuviras constituem referências identitárias, estabelecendo mútuas relações entre sujeitos e lugar, constituindo múltiplos microespaços. Nesse sentido, a paisagem como um todo atua de forma plurimodal, ou seja, é ativa e passiva nos esquemas de percepção e ação. Na mesma perspectiva, os agentes atuam na paisagem e simultaneamente são influenciados por ela, ou seja, “[...] a paisagem e o sujeito são co-integrados em um conjunto unitário que se autoproduz e auto reproduz [...]” (BERQUE, 1998, p.86). Nessa mesma linha, Berdoulay, Treytoure e Sartre (2010a) argumentam sobre a coprodução de sujeitos e espaço geográfico, o que é focalizado na reflexão proposta a partir de narrativas de jovens.

Figura 1: Divisão do bairro Guajuviras em Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti (CHIM) e vilas.



Fonte: Base cartográfica fornecida pelo Instituto Canoas XXI. Elaboração de Nola Gamalho

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

Como desafio do nosso trabalho de pesquisa, propusemos compreender as paisagens do Guajuviras a partir das narrativas de jovens do bairro³ e de suas práticas espaciais. Esses sujeitos são frequentemente dissociados das memórias de produção do espaço, sendo mais efêmeras as suas formas de marcar as paisagens porque são pontuadas nos próprios corpos em suas práticas espaciais, não se fixam externamente e só podem ser constituídas pela remissão à presença dos próprios sujeitos. Dessa forma, o argumento aqui apresentado explora o quanto o Guajuviras, nas suas dimensões de marca e matriz, está presente nos esquemas de percepção e na coprodução de sujeitos e bairro. As juventudes (DUARTE, 2000), diversas, vivenciam e reelaboram os sentidos do espaço remetidos aos processos de ocupação, ora pelas narrativas herdadas de familiares, ora por suas próprias experiências desse viver. São cruzados os efeitos de paisagem, marca e matriz com os processos e as formas contemporâneos do urbano. As práticas espaciais correspondem a conteúdos das formas de constituição dessas juventudes.

Na sua concepção inicial, o Guajuviras era destinado a ser um local produzido a partir da política pública de habitação. O nome original é Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti (CHIM), construído pela COHAB/RS. A paisagem projetada, com um ordenamento previsto⁴, era homogênea e padronizada. Entre esse plano concebido e a efetivação da produção do espaço foram realizadas múltiplas ocupações, primeiro do CHIM, em abril de 1987, e, posteriormente, as ocupações dos terrenos remanescentes de plantações de eucaliptos (denominadas áreas verdes).

3. O trabalho de campo com jovens do Guajuviras foi realizado entre abril de 2012 e novembro de 2014. *Para o levantamento foram adotadas metodologias qualitativas, com a realização de entrevistas abertas, grupos focais e relatos em diário de campo.* Foram entrevistados/as 33 jovens entre 15 e 27 anos (19 do sexo masculino e 14 do sexo feminino). Os nomes foram alterados para preservar o anonimato dos/as jovens.

4. Pequenos lotes de casas e edifícios populares em grandes quarteirões, com arruamentos ordenados e previsão de estabelecimentos comerciais, educacionais e postos de saúde. Orientado para acolher numerosa população na região metropolitana.

Em suas materialidades iniciais, esses processos apresentavam os signos da desordem: acesso irregular à moradia urbana, ausência ou precariedade do arruamento, barracos de lona e sobras de madeira, e serviços de abastecimento de água e de energia elétrica precários. No entanto, esses terrenos tornaram-se espaços vividos, apropriados e transformados. O conjunto de situações vivenciadas no início das ocupações (a violência institucional nos conflitos decorrentes das ocupações, a violência simbólica dos estereótipos referentes ao acesso irregular da moradia em espaço urbano, a precariedade ou completa ausência de infraestrutura como abastecimento de água e energia elétrica, acesso a transporte público, entre outros) transformou-se ao longo dos anos: as casas da habitação popular diferenciaram-se, as barracas ou moradias improvisadas foram substituídas por casas de alvenaria ou madeira, as ruas adquiriram calçamento, o abastecimento de água e energia elétrica tornou-se regularizado.

Todavia, ainda que as paisagens tenham sido alteradas, as referências e estigmas permanecem como conteúdos de imaginários, representações e discursos. Ao imaginário e situações do início das ocupações, que remetem à desordem, são acrescentados os medos urbanos, as formas de criminalizar o uso dos espaços como apropriação e os mecanismos mobilizados para encapsular a vida de bairro nos modos de vida ordenados e individualistas. Os jovens transitando ou se agrupando nas ruas tornam-se signos do medo contemporâneo, como se as desordens ligadas aos processos de ocupação em tempos passados fossem transpostas para esses sujeitos e suas formas de vivenciar o espaço. No entanto, nas esquinas, ruas e praças persiste a presença de jovens em práticas de lazer e sociabilidade por vezes violadoras da lei e por vezes apenas vistas dessa forma. Tanto as práticas vão imprimindo marca ao bairro como o viver nele as vai traduzindo como pertencimento e maneira de se conduzir. Tais práticas e tal viver não estão apenas relacionados ao bairro em si, mas também com o bairro na metrópole e, por isso mesmo, como bairro/metrópole/mundo. Desse modo, constata-se o cruzamento de múltiplas escalas de fatos e processos estruturantes e de referências culturais.

Dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo contribuir para a compreensão da produção de sentidos do bairro a partir das narrativas, marcadamente associadas à memória própria ou apropriada, a experiências e à constituição de paisagens imaginadas e vividas por esses/as jovens. A complexidade da relação sociedade-espço vai ficando evidente na constituição de múltiplos patamares de significados (COSGROVE, 1998) da paisagem, que ora remete a periferias e vilas, ora a centralidades.

2. Paisagens: Heranças, Experiências Imaginários

A ocupação do CHIM (Figura 2) ocorreu há 29 anos e, portanto, esse processo está presente nas narrativas dos(as) jovens entrevistados(as), na forma de histórias herdadas ou mesmo vividas, pois os conflitos subsequentes referentes à precariedade de infraestrutura aparecem como experiência para alguns jovens. Assim, tem-se a elaboração de uma história compartilhada, transmitida e internalizada inclusive por aqueles agentes espaciais que não a vivenciaram. Constitui-se, dessa forma, um imaginário urbano assentado nas materialidades e sentidos, uma bricolagem de referências de propriedade privada, luta pela casa própria, carência infraestrutural e cotidiano compartilhado.

A ocupação do CHIM é um marco na história familiar, tanto pelos conflitos com a ordem pública, inerentes ao processo, quanto pela associação com a segurança que a casa própria confere. Alguns jovens nasceram nos anos iniciais da ocupação. Outros, conforme argumenta Ricardo, um dos jovens entrevistados, estavam em gestação naquela época e, por isso, sentem que participam diretamente, desde o início, da história do Guajuviras: “Aí, depois, em 1987, quando começou a invasão aqui, eles vieram pra cá. [...]. A minha mãe veio pra cá comigo na barriga, quando foi invadido aqui” (Ricardo, 25 anos, em 28/08/2013).

Nola Patrícia Gamalho & Álvaro Luiz Heidrich

Figura 2: Paisagem do CHIM.



Fonte: Desenho de Gui Menezes (2015)

A partir das narrativas dos jovens, surgem releituras do processo de ocupação como forma de valorização local. Nessas releituras, o Guajuviras é visto como um bairro construído materialmente pelo poder público, porém apropriado pela população que necessitava de moradia própria, mas que não dispunha dos mecanismos legais para adquiri-la. A subversão à propriedade privada é ressignificada como resistência frente às ações institucionais que objetivavam a remoção das moradias improvisadas. O imaginário urbano inicial sobre o Guajuviras tem sua origem nesse conflito e é resultado de discursos e representações que associavam o local à intensa desordem. É a essa desordem que alude a expressão “Campo de concentração” (Folha de Canoas, 24/04/1987, p. 8-9) ou a manchete “Uma cidade periférica, sem recursos, dentro de Canoas” (RADAR, 19/11/1987, notícia de capa). Essa disputa que funda a formação do imaginário urbano resiste como referência de jovens cujas famílias participaram dessa primeira ocupação, como exemplifica a fala de Ricardo (25 anos, em 28/08/2013):

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

Eu lembro muito bem de uma vez que meu pai e meu tio falaram, eles não gostam muito de um narrador da rádio Farroupilha, como era o nome dele? O Zambiazi. Meu pai fala até hoje que o cara começou a falar que era pra todo mundo sair de dentro do bairro, porque os caras iriam invadir com armamento pesado, iam tirar todo mundo daqui. Daí nisso foi um poder de mídia, né? Isso até afugentou algumas pessoas, mas a grande maioria quis permanecer, né? Quis brigar pela moradia.

As narrativas dos familiares são apropriadas como suas pelos(as) jovens. É uma memória viva reafirmada e reinventada cotidianamente e que conserva apenas vestígios da materialidade como conteúdo. Assim, o imaginário alicerça-se tanto nos aspectos pesados e concretos da paisagem quanto em sua leveza, o que Lacarrieu (2007) aponta como sendo o peso da materialidade e do que ali está invisibilizado, o imaterial. Graças a essa perspectiva que se propõe identificar aspectos para além do que é material, pois o “inmaterial se densifica y los sujetos toman protagonismo” (LACARRIEU, 2007, p. 48). Assim, tornar visível o processo formador da paisagem e desnaturalizar/problematizar os sentidos a ela associados é uma estratégia de resistência e de afirmação da memória compartilhada e apropriada que adquire força discursiva e representacional nas disputas em torno da produção desses imaginários. Na narrativa de Janaína (17 anos, em 01/10/2013), a história dos avós é contada como um saber próprio da jovem, ou seja, as histórias deles se cruzam com as dela na experiência do lugar, sendo apropriados os elementos não vivenciados:

Eu lembro que ela veio pra cá [avó], eles [avós] tavam lá [...] primeiro eles foram lá pra Vila Cerne, daí eles tinham casa lá na Vila Cerne, mas a minha vó chegou e conseguiu um apartamento e o terreno da casa, que é onde a gente mora. [...] Daí na casa ela fez um barzinho, que tinha um monte de gente e não tinha onde comprar, né?

O CHIM é uma realidade constante na vida de Janaína, tanto nas memórias quanto na materialidade da casa, que preserva aspectos originais. Na mesma perspectiva, Joana (25 anos, em 07/01/2014) projeta a história do pai como liderança local na sua trajetória política: “Sou militante do Partido dos Trabalhadores,

filiada desde 2006 e faz parte, passo por dentro da história. [...] Meu pai era o líder e representava todos os moradores dessa e dessa quadra. Então eu sei como se deu toda a história”. O processo de formação e as materialidades do conjunto habitacional são conteúdos formadores dessa paisagem imaginada e vivida que é marca, matriz identitária e elemento a ser superado quando os/as jovens se defrontam com os sistemas de hierarquização social contidos na diferenciação espacial da cidade. Essa relação vai evidenciando o conflito em torno da produção desse imaginário em que as mesmas formas e processos são utilizados em discursos opostos.

As ocupações das áreas verdes apresentam diferenças tanto no que diz respeito às materialidades do Guajuviras (nessas ocupações não há qualquer traço de planejamento, diferentemente do que ocorre no CHIM) quanto ao universo de sentidos e representações. As ocupações das áreas verdes, que começaram no final da década de 1980, continuaram no decorrer das décadas seguintes em inúmeros eventos, resultando desse processo a diversidade de espacialidades do Guajuviras, denominadas “invasões” ou “vilas” (Figura 3). Nesse contexto, “vila” tem um significado próximo ao das noções de periferia e favela, quando referidos a um espaço cujo crescimento ocorreu numa ordem próxima (LEFEBVRE, 2001).

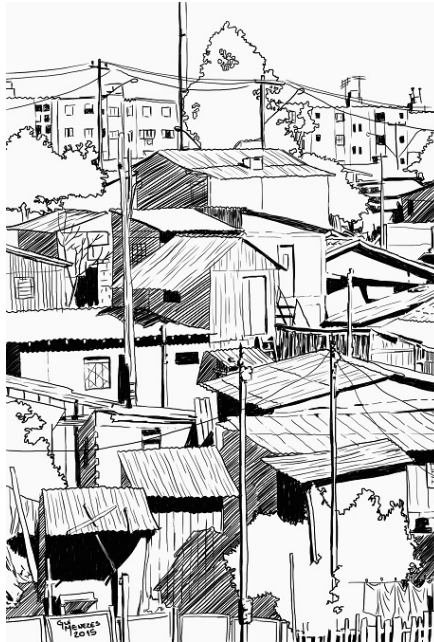
Isso é, de fato, visível no arruamento sem padrão urbanístico, na disposição ou quase ausência de calçadas e na diferenciação entre as moradias e os prédios do conjunto habitacional. Essas ocupações, por serem mais recentes, estão presentes na memória da experiência de infâncias e juventudes que se desenvolveram nessas espacialidades.

As paisagens emergem no cruzamento e dos conflitos em torno da produção simbólica em discursos que ora afirmam essas espacialidades em sua legitimidade, ora situam as diferenças nas distâncias sociais internas ao Guajuviras, reproduzindo a hierarquia espacial da cidade no bairro. Nesse sentido, invasão e ocupação adquirem localmente sentidos próximos; todavia, são produtores e

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

produtos de alteridades. É um campo em disputa na produção de sentidos dos lugares e, logo, dos agentes, que são definidos por sua localização na cidade. Por isso, os processos relativos ao CHIM recebem o nome de “ocupações”, enquanto os processos desenvolvidos nas áreas verdes são chamados de “invasões”.

Figura 3: Paisagem das vilas.



Fonte: Desenho de Gui Menezes (2015)

Há diferenças nas materialidades desses processos e na produção do imaginário sobre eles, constituindo o que Lacarrieu aponta como o aspecto pesado (LACARRIEU, 2007) da paisagem⁵. Mas os discursos de criminalização das vilas referem-se também às normativas relativas à propriedade privada, ao prejuízo causado ao desenvolvimento industrial e à defesa da natureza – que correspondem, respectivamente, à referência ao acesso ilegal à moradia, ao argumento de que as vilas afastam as indústrias, que

5. Lacarrieu refere-se ao aspecto pesado e leve contido nos imaginários, sobre materialidades e imaterialidades. Aqui nós transpomos essa reflexão para a compreensão da paisagem.

Nola Patrícia Gamalho & Álvaro Luiz Heidrich

seriam a finalidade da área verde da fazenda e, por fim, ao corte dos eucaliptos, identificados como um resquício de área verde na região metropolitana. Esses discursos são reproduzidos também internamente nas distinções entre processos de ocupação e invasões, constituindo-se alicerces da diferenciação entre os eventos do CHIM (subdivido nos denominados setores) e das vilas.

As paisagens (leve e pesada) expressam diferentes articulações, sendo indissociáveis em compreensões que potencializem a identificação da complexidade espacial. Para Santos (2002), na paisagem coexistem formas de diferentes momentos históricos. Suertegaray (1999, p. 51) destaca outro aspecto que diz respeito à junção de múltiplos fatos e fatores, a saber, a “[...] coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta”. Por isso, também consideramos a paisagem no plural para evidenciar que o Guajuviras é uma montagem de diferentes paisagens e processos. Isso não fragiliza a potência de pertencimento e identidade que a totalidade do bairro fomenta, em particular, em suas juventudes, que vivenciam intensamente o espaço a partir dos sentidos e das memórias, das práticas espaciais, da identificação com aquele universo material e imaterial, presente e passado.

A distinção entre setores (CHIM) e vilas está presente nas narrativas e formas de ter a experiência do bairro. Ora aparece de forma naturalizada nas concepções e denominações *vila* e *invasão*, ora aparece explicitada nas diferenciações, disputas e conflitos em torno da produção do imaginário sobre os processos no uso dos termos “ocupação” e “invasão”. Essa relação é evidenciada na narrativa de Rodrigo, morador do CHIM, que identificou, nas ocupações de áreas verdes, formas de depredação da vegetação e dos recursos hídricos restantes. Rodrigo identifica-se, em termos de processo, com a ocupação de 1987:

Teye uma ocupação e invasão. A ocupação foi essa que os prédios não estavam prontos e a construtora não terminou e o povo invadiu. Porém ficaram muitas áreas verdes. O que aconteceu? O pessoal invadiu essas áreas verdes. Sei lá, em 94-

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

96. O pessoal confundiu ocupação com invasão. A ocupação foi em 87. A invasão foi 90 e poucos. Não sei dizer a data direito. Engraçado que, se tu for na internet, eles misturam todos os dados. Põem uma imagem da invasão explicando a ocupação. Aí tu olha aquilo e acha que é tudo igual. Mas não tem nada a ver. A invasão é a parte ali da Comtel, ali da Gruta, no Caic. Ali era tudo mata, era lindo ali. Tem uma nascente que até hoje sai água ali em uma casa. Nunca conseguiram tampar, não adianta. Fica saindo água, porque tinha uma espécie de água ali. Era vida, lindo ali. Aí, o pessoal invadiu. (Rodrigo, 27 anos em 12/11/2014)

Por serem mais recentes, as formações das vilas estão presentes nas narrativas dos/as jovens como histórias herdadas e como situações vivenciadas no percurso entre infância e juventude. Primeiro, referidas como consolidação da moradia, são um conteúdo que corresponde tanto às narrativas herdadas (vilas mais antigas, como a São Miguel), como aos processos vivenciados (por exemplo, o percurso entre a escola e a casa, o jogo de bola no campinho, o lugar dos namoros). Segundo, as narrativas remetem à transformação das vilas pelos projetos de regularização fundiária, calçamento e abastecimento regular de energia elétrica e água. Embora os imaginários sobre as vilas as insiram em sistemas hierárquicos que reduzem sua legitimidade, a experiência total ou parcial do processo corrobora com a instrumentalização discursiva de ressignificação e disputa representacional. A produção de estereótipos e estigmas é intensa para as juventudes, objeto privilegiado da associação indiscriminada entre imaginário local e sujeitos. As juventudes necessitam fazer essa reelaboração para, com isso, transformarem os sentidos de suas juventudes comumente remetidas ao desajuste (como uma alusão à desordem de paisagens cuja produção se dá horizontalmente), gerando formas espaciais que destoam das paisagens produzidas pelo planejamento urbano. Márcio localiza-se nessa disputa sem desvincular-se dos sentidos que constroem a imagem pejorativa da vila, mas relocalizando-os afirmativamente como marca identitária. Alice, por sua vez, sendo moradora dos prédios do CHIM e vivenciando as distâncias sociais da metrópole, identifica-se com a questão periférica, remetendo todo o Guajuviras à condição de vila e não apenas as áreas verdes ocupadas:

Nola Patrícia Gamalho & Álvaro Luiz Heidrich

Mas daí a gente considera, eu sempre considero uma vila que... “Setor” é uma coisa pra quem... Antigamente falava assim: “ah, ele mora no asfalto, é playboyzinho que tem dinheiro e não sei o quê”. E na vila, como posso te dizer? Os favelados, os que vivem na rua, os que é... [...] Por isso que eu acho essa questão de vila e setor, que tem a diferença de quem era playboyzinho e quem não era, mas depois que eu fui vendo não tem nada a ver na verdade. (Márcio, 19 anos, em 24/10/2013)

Eu acho que a questão de tu te identificar com a periferia. O Guajuviras é um bairro e tem as suas vilas. E eu me identificar vileira é questão de eu me identificar uma vileira. Na verdade, a maioria do bairro são as vilas, porque, se tu pegar a área da COHAB, não dá a metade. Tanto que os apartamentos quanto as casas dá metade. A maioria é de vila, de ocupação irregular. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014)

Vilas, periferias e Guajuviras, em determinados momentos, estão presentes nas narrativas como situações similares. Essas construções e desconstruções aparecem tanto naturalizadas quanto como discursos intencionais. Tem-se a produção em disputa e intencional dos imaginários urbanos. Assim, “[...] las percepciones se transforman en representaciones y éstas, por un proceso simbólico, se constituyen en imaginarios” (LINDON, 2007, p. 8).

Nas vilas mais antigas, a memória é, assim como na ocupação do CHIM, um acervo de histórias compartilhadas e apropriadas. A precariedade das condições de **moradia e o sonho da casa própria**⁶ estão presentes nas narrativas sobre as motivações da busca dos moradores nessas vilas. São as histórias de família que se tornam memórias sociais, pois em todas as histórias são referidas as mesmas dificuldades decorrentes da moradia improvisada: a precariedade de infraestrutura, os medos vivenciados e provocados

6. Embora o processo seja dividido entre ocupações e invasões, é realizado um intenso comércio de lotes pelos ocupantes iniciais, que adquiriam lotes maiores ou diferentes lotes para o subsequente parcelamento e comercialização. Assim, muitas famílias que participam das ocupações adquirem seus imóveis por mecanismos de comércio irregular, único meio possível para viabilizar a compra da moradia própria por essas famílias. Apesar dessa diferenciação coloquial dos termos, neste texto adotamos o termo “ocupação” como um referente teórico mais adequado por sua abrangência de significado.

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

pelo risco de despejo, pelas ações institucionais, pela ausência de iluminação. São aspectos do processo de produção das vilas reconhecidos pelos(as) jovens e reproduzidos em suas narrativas. Portanto, a memória espacial abrange desde a densidade de experiências até a apropriação da problemática a partir do compartilhamento de uma história comum. Está presente na paisagem, nas permanências e rugosidades que marcam, mas também nas narrativas compartilhadas, apropriadas e ressignificadas na história própria, que é amalgamada na história espacial.

Foi a conquista de ter a própria residência. Eu entendo, porque eu fiquei ali desde o início, junto com meu pai, fazendo reuniões.[...] Eu moro no Guajuviras há uns 12 anos. Na Comtel desde que começou. Não lembro a idade que eu tinha, acho que eu tava na 3º série. [...] Todo mundo começou a invadir, e meu pai veio. A gente veio e começou a ficar em barraca. Depois teve a associação e começou a levantar o pessoal da Comtel.(Wagner, 20 anos, em 04/08/2012)

A gente morava na Estância Velha. Lá a gente pagava aluguel, mas a gente foi despejado, foi obrigado a sair. A gente morou na rua, uns dois ou três dias. Na época que meu pai ficou desempregado.(Felipe, 19 anos, em 22/09/2012)

Aí minha mãe acabou namorando meu pai, foram morar juntos e invadiram a São Miguel. Eles fizeram parte da ocupação lá, eu tenho a história dentro de casa, é só a preguiça de saber mais a fundo.(Caio, 18 anos, em 04/06/2013)

Embora os processos de ocupação integrem memórias sociais consolidadas pelas diversas apropriações e experiências, as dificuldades e ausências de estrutura e de transformação do espaço em direção à regularização, não apenas legal, mas também nas paisagens, correspondem a aspectos vivenciados pelos/as jovens. Processos, estruturas, formas e imaginários são nítidos na identificação de paisagens pretéritas e presentes nas descrições e concepções das vilas e do Guajuviras como totalidade.

As referências ao Guajuviras transitam entre escalas, identificando o bairro em sua totalidade como um conjunto integrado das diferentes espacialidades e/ou a partir de suas

diferenças; as paisagens do Guajuviras marcam fronteiras processuais, concretas e simbólicas. Dessa forma, o local transforma-se em vilas, periferias, mas também em centralidades, uma vez que as transformações não atingiram apenas as paisagens, mas também a produção dos imaginários sobre elas.

3. Imaginários em Disputa: Paisagens de Vila, Periferias e Centralidades

A paisagem emerge a partir do visual e nas concepções e descrições presentes nas narrativas. Essa aproximação entre paisagem e narrativas potencializa a compreensão, para além da forma, do que emerge como materialidade, pois a paisagem está impregnada de sentidos, concepções, visões de mundo, subjetividades, o que não implica uma cisão em relação à forma na medida em que a paisagem vai agregando/integrando as transformações do espaço ao longo do tempo. Assim, é imprescindível operar com os conceitos visando explorar ao máximo sua capacidade explicativa do objeto de estudo. Dessa perspectiva, Verdum (2012, p.18) coloca: “A complexidade da paisagem é o tempo morfológico (*forma*), constitucional (*estrutura*) e a *funcionalidade*, que não pode ser reduzida em partes”.

As diferenças relativas ao período inicial de formação das espacialidades (CHIM e vilas) – referidas acima – integram relatos de transformação dessas paisagens e, conseqüentemente, atuam como formas de ressignificar e atribuir valor tanto ao bairro quanto aos moradores, em particular às juventudes, que enfrentam também as referências à permanência nas ruas, elemento dessas paisagens e forma de constituição e socialização desses/as jovens (Figura 4).

Paisagens Vidas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

Figura 4: Paisagem de jovens nas ruas.



Fonte: Desenho de Gui Menezes (2015)

O Guajuviras é formado por paisagens vividas no embate entre a norma e as táticas microbianas (CERTEAU, 2009). Algumas paisagens, como a das vilas, destoam dos espaços projetados por técnicos e pelo poder público. No entanto, revelam formas de resistência, de fazer uso da cidade segundo as múltiplas necessidades populacionais. Elas são descritas pelos/as jovens em termos de *desordem ordenada*. Suas transformações, que correspondem ao ingresso na cidade formal, são acompanhadas, ao mesmo tempo, pelas constantes transformações do imaginário.

Pedro, pai de Vítor, vivenciou alguns processos de ocupação das áreas verdes e faz um relato denso da paisagem das vilas no processo de formação:

Nola Patrícia Gamalho & Álvaro Luiz Heidrich

A invasão que teve ali, todas as invasões iniciam assim: não tem rua, tem trilhazinhas. Aqui tinham trilhazinhas e tocos no caminho. Aí todo mundo vai e vai pegando um pedaço de terra e não pega uma terra pequena, pega uns 100 metros. Aí vem um parente precisando de um pedaço e vão dividindo. Aí a invasão vai crescendo, porque uma invasão só vinga se tiver bastante gente, com pouca gente não vinga. Aí vão planejando as ruas, aqui vai ter uma rua, mas aí vai crescendo e uma casa da frente vai mais pra trás e assim vai se ajeitando uma invasão. Aí, precisa de água e de luz, que é o gato. Aí puxa a água de um vizinho e não pode brigar, porque aí o vizinho vai cortar a água. O vizinho que corta aqui a água, todos os de baixo ficam sem água. Aí puxa o fio da AES Sul, que depois vem dizer que não pode fazer isso. E aí a invasão vai crescendo. Aí um que tem uma visão cria primeiro uma verduraria, depois coloca também material de limpeza e aí vai crescendo até se tornar um mercadinho. Aí um outro monta uma madeireira, porque o que mais se precisa em uma invasão é de material de construção, madeira, tijolo, cimento, cano, fios... (Pedro, em 16/11/2013)

As juventudes percebem a transformação do Guajuviras e de suas vilas na mudança da paisagem – as melhoras nas moradias, no ordenamento e calçamento das ruas, no abastecimento regular de energia elétrica e água. A ordem próxima é que regulava a distribuição de água e luz, fazendo parte das artes da convivência e conveniência (MAYOL, 2011), conforme o relatado na narrativa acima. As materialidades ao longo do tempo são alteradas, fazendo que as transformações nos sentidos das representações sejam tão conflituosas quanto as das materialidades. Todavia, tem-se um percurso interno de alteração desse imaginário: pela sua adequação à realidade atual, vai sendo apropriado como forma discursiva de ressignificar positivamente essas espacialidades.

Há anos nós esperávamos por pavimentação, por água, por luz, esgoto e agora a gente já tem tudo. Essas coisas todas nós já temos. São coisas que a gente vê que tá evoluindo. Desde que a gente entrou o Guajuviras tem melhorado bastante. (Carolina, 19 anos, em 12/05/2012)

Depois que foi melhorando, com o tempo veio a água, veio a luz, conseguiu fazer a casa. Mas a maior dificuldade foi essa coisa do saneamento básico que não tinha, não tinha água, luz, tinha que buscar a água longe. (Jaqueline, 19 anos, em 27/06/2012)

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

Esses mesmos símbolos de distinção entre a cidade formal e informal fizeram parte da produção do Guajuviras nos primórdios da ocupação do CHIM. As diferenças estavam na forma homogênea presente no parcelamento dos lotes e na construção das casas e prédios de apartamentos. Mas, no restante do bairro, foram vivenciadas situações similares quanto ao abastecimento de serviços, saneamento e conflitos com o poder público. Constatam-se, de fato, importantes semelhanças entre esses processos, pois ambos correspondem à luta por moradia no contexto metropolitano. Embora alguns elementos estejam presentes em todo o bairro, tornam-se símbolos indicadores da condição de vila e, nas relações com a cidade, significantes do Guajuviras.

Um primeiro ponto de distinção diz respeito à grande heterogeneidade que a paisagem revela: uma maior aproximação com as formas ordenadas almejadas para o espaço urbano nos setores e formas resultantes da formação das vilas. A transformação da moradia é um significante do contexto familiar e do lugar e assenta-se nas referências de capricho, esforço, evolução, entre outros. Ao mesmo tempo em que essas mudanças da paisagem aproximam essas localidades da cidade formal, contribuem para distanciar as juventudes dos imaginários estigmatizantes associados às vilas e periferias.

Vai de como tu chegou, porque tem gente que invadiu lá e hoje trabalha bem e tem a casa bonita. Vai de como tu chegou lá também. Por causa, que nem minha mãe, minha mãe chegou lá e montou. Minha casa era uma casinha, que no caso depois meu pai foi trabalhando e minha mãe foi trabalhando, foi crescendo e a casinha ficou pra botar as ferramentas que meu pai tinha. A gente foi crescendo, foi montando a casa. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013)

Essas referências são características da configuração socioeconômica associada à população de menor renda. Às condições econômicas somam-se as estratégias de sobrevivência e as relações de proximidade e convivência presentes, por exemplo, nas concepções de bairro e vida de bairro, pois no bairro primam as relações de imediaticidade e pertencimento. Seabra (2013) caracteriza

Nola Patrícia Gamalho & Álvaro Luiz Heidrich

a especificidade da vida de bairro pelo predomínio de relações imediatas e diretas pessoa-pessoa, propiciado pelo contato denso resultante das práticas do espaço partilhado. Souza (1989) acrescenta que, para constituir-se como bairro, um espaço deve despertar o sentimento de empatia, o que amplia as condições de configuração de bairros na contemporaneidade. As ruas são apropriadas para a sociabilidade e a visibilidade. São espaços de presença, compondo uma paisagem de materialidades, sentidos, imaginários, sujeitos, animais, etc.

Quem entra na Comtel vê criança, cachorro e carroça. Tem criança na rua, pessoas sentadas na frente da casa. O movimento é intenso. (Felipe, 19 anos, em 15/12/2012)

Essa coisa de vila é muito tumultuado, a São José tem vários pedaços. Tem bagunça, tem *funk*, agitação, cachorro é o que não falta na vila, cachorro e criança. Aqui na minha casa um dia abriram a rua e ficamos na frente da rua. (Tais, 17 anos, em 08/01/2013)

Vilas, periferias, maloqueiros correspondem a distâncias sociais presentes nas relações que se desenvolvem nos espaços do bairro, da cidade e da metrópole. Entre seus conteúdos estão os modos de vida e práticas do espaço próprias desses bairros de população de baixa renda e que compõem essa paisagem da vida de bairro em que as ruas são movimentadas, apropriadas para o lazer (jogo de futebol, visibilidade, sociabilidades). A formação da identidade juvenil não se dá fora do contexto cotidiano; logo, as heranças de sentidos, os imaginários e as materialidades e suas transformações coadunam-se na percepção de si dos jovens.

Lucas: Ah, pra mim é rua de maloqueiro, as maloqueiragens mais. A maioria da maloqueiragem mora lá.

Heitor: É difícil tu ver um lixão em um setor. É difícil, pode ver. Pra mim mais o setor é mais assim pessoa que gosta, é mais caprichoso, vamos supor mais caprichoso. E pessoa de vila assim já não... vamos supor assim, é aqueles que uma casa faz a bangu, entendeu?

(Heitor e Lucas, respectivamente 16 e 18 anos, em 17/08/2013)

As juventudes pobres são associadas às paisagens de espaços identificados no senso comum como periferias e vilas. Os corpos, os modos de agir e as formas de constituição dessas juventudes são inseparáveis da paisagem do bairro popular. Logo, as narrativas de transformação vinculam-se à objetividade do processo, mas também aos discursos que repercutem nos(nas) jovens. O imaginário é um campo em constante disputa. Contemporaneamente, não apenas as formas do bairro popular estão contidas no imaginário urbano de depreciação, mas também as formas de apropriação e sociabilidade desenvolvidas nas ruas pelas juventudes.

É bastante nítido o caráter de paisagem matriz presente nas formas de percepção, concepção e ação. As juventudes do Guajuviras identificam-se com o bairro, estabelecem relações de pertencimento fomentadas pelas trajetórias de vida, redes de sociabilidades. Identificam-se com a paisagem como elemento identitário; daí alguns jovens afirmarem que são “vileiros”, sendo, então, as materialidades e sentidos da paisagem expressões e conteúdos das formas de reconhecimento desses/as jovens.

Os(as) jovens apontam a relação de suas histórias de vida com a constituição de vínculos espaciais e reafirmam a memória compartilhada por meio de narrativas herdadas e da experiência espacial. Reelaboram os imaginários urbanos sobre o Guajuviras alicerçando-o não apenas nas desigualdades e ilegalidades presentes nas distinções entre bairros, mas também nas diferenças, como a cultura e a valorização dessa memória de luta compartilhada. Hoje, eles são agentes emblemáticos da paisagem do Guajuviras, pois suas ações e experiências estão fortemente relacionadas ao lugar. “Permanecer numa determinada área de modo continuado e repetitivo e compreender uma história da qual se participa, constrói uma experiência que liga o indivíduo ao grupo e a seu respectivo espaço de convivência e uso” (HEIDRICH, 2013, p. 57). Esse uso e apropriação são fortes no bairro popular e são característicos de suas paisagens.

As transformações nas paisagens do bairro, tanto nos setores quanto nas vilas, bem como o caráter desses locais como espaços de sociabilidade e formação para as juventudes redirecionam as concepções sobre o Guajuviras como uma centralidade viva (Figura 5). Isso torna flexíveis as referências à periferia, mas não à vila, que é um marcador identitário e de distinção espacial fortemente arraigado.

Figura 5: Paisagem de apropriação das praças por jovens.



Fonte: Desenho de Gui Menezes (2015)

Os imaginários urbanos sobre espaços periféricos e, nesta análise, sobre as vilas (nesse caso, essa associação se aplicaria a todo o Guajuviras) são combatidos nos aspectos que inserem essas espacialidades nas relações de desigualdade e inferioridade. Como mencionado, as paisagens do Guajuviras revelam espaços intensos, apropriados. O marcador humano não está presente apenas nas construções, mas também nos corpos que se impõem de forma teimosa no urbano contemporâneo, em que as sociabilidades se dariam prioritariamente em espaços institucionalizados e ordenados para isso. A teimosia (CERTEAU, 2009) é característica dessa paisagem, com jovens nas esquinas, ruas, praças. Como consequência objetiva e discursiva, os sentidos que posicionam o bairro à margem são reelaborados:

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

Eu creio que não deveria ser assim, aqui dentro o Guajuviras é uma metrópole quase. (Jaqueline, 19 anos, em 27/06/2012)

Cidade. Tá quase se tornando uma cidade, pela população. Vou no centro do Guajuviras. O Guaju tem loja que não tem no centro. (Grupo Focal E.M.E.F. Erna Wurth-grupo EJA, em 18/10/2012)

E daí, poxa, o Guajuviras é uma cidade periférica, é quase uma cidade periférica, tem tudo aqui dentro, entendeu? (Ricardo, 25 anos, em 13/09/2013)

Verifica-se que essas paisagens são constituídas por múltiplos patamares de sentidos (COSGROVE, 1998) que, a princípio, aparentam estar em conflito, mas que formam um conjunto coerente nas narrativas. Dessa forma, o Guajuviras é centralidade e vila, simultaneamente, pois ambos são aspectos das disputas acerca do imaginário urbano sobre o local e dos conteúdos de identificação e pertencimento espacial. Quando a periferia é definida por um centro e constituída a partir das desigualdades, são ocultadas as suas diferenças, suas diversidades, sua produção cultural. Essa reprodução de perspectivas hierárquicas reforça o conhecimento produzido no imaginário urbano que associa paisagens e sujeitos à desordem, desajuste e inadequação em relação ao ideário urbano.

4. Considerações finais

Os processos de ocupação, a precariedade de infraestrutura, os conflitos com a ordem pública permanecem como referências do Guajuviras tanto nos imaginários urbanos que identificam o local como periferia ou vila quanto na memória compartilhada, a qual associa os processos à luta por moradia e à transformação da paisagem em direção à cidade ordenada. São múltiplas camadas e cruzamentos de sentidos presentes nas formas de ressignificar esses espaços.

Ainda que as juventudes normalmente não sejam associadas a registros ou referências de memória, ficou evidente na nossa pesquisa o quanto as histórias compartilhadas são conteúdos do espaço, o que se corrobora na consolidação e afirmação dessas paisagens como marca e matriz, como histórias próprias, mesmo não tendo sido vivenciadas em sua integralidade. E, entre as formas de constituição dessa memória, que são múltiplas, foram identificadas a herança e a experiência. A paisagem conta um pouco desse processo nas formas que diferencia setores e vilas, nas recordações das dificuldades enfrentadas quando as ruas não tinham calçamento, na água fraca e nos estigmas resultantes de participar de forma ilegal da cidade, primeiro a partir das ocupações, e depois pelas ligações elétricas irregulares (os gatos, na denominação popular).

Somados aos sentidos e transformações da paisagem ao longo do tempo identifica-se a relevância das práticas de jovens de apropriação de ruas e praças, o que corresponde a um particular conteúdo dessas espacialidades contemporaneamente. É claro que, assim como os processos de ocupação, suas práticas e permanências nas ruas constituem campo em disputa: por um lado, esses jovens são criminalizados e, por outro, conformam paisagens “vivas”, nas quais se é espectador e espetáculo. Como consequência, o Guajuviras emerge como centralidade nas narrativas, contradizendo o imaginário urbano que localiza esses jovens agentes à margem social, legal, cultural. Trata-se, assim, de campos em disputa, uma vez que essas paisagens contam histórias, modos de vida, permanências de modos de vida compartilhados e de espacialidades apropriadas horizontalmente.

Referências

- BERDOULAY, V.; TREYTURE, D. L.; SARTRE, X. A. de. La question du sujet et la Géographie. *Cahiers de Géographie du Québec*, Quebec, v. 54, n. 153, p. 397-418, dez. 2010a. Disponível em:

Paisagens Vividas e Imaginários Urbanos em Disputa: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)

- <<http://www.erudit.org/revue/cgq/2010/v54/n153/1005593ar.pdf>> Acesso em: 11 mai.2014.
- BERQUE, A.. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- COSGROVE, D. A Geografia está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-122.
- DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L'espace social: lecture géographique des sociétés**. Paris: Armand Colin, 2007.
- DUARTE, K. ¿Juventud o juventudes? Acerca de cómo mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. **Ultima Década**, Valparaíso, v. 8, n. 13, p. 59-77, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0718-22362000000200004&lng=es&nrm=iso&tlng=es>. Acesso em: 7 de jul. 2014.
- GUAJUVIRAS: “um campo de concentração”. **Radar**, Canoas, 7 maio 1987.
- GAMALHO, N. P. **Entre dominações e apropriações, reproduções e criações, centralidades e periferias: práticas e espaços de representações de jovens do Guajuviras–Canoas/RS**. Tese apresentada ao departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/131155>>. Acesso em: mar. 2016.
- HEIDRICH, Á. L. Território e cultura: argumento para uma produção de sentido. In: HEIDRICH, Á. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre, Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 52-61. Disponível em: <<http://www.compassolugarcultura.com/arquivodoc/FINAL-ManeirasLerGeografiaPDF.pdf>> Acesso em: 23 de ago. 2014.
- LACARRIEU, M. La ‘**insupportable levedad**’ de loubano. **EURE**, v. XXXIII, n. 99, p. 47-63, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19609905>>. Acesso em nov. 2015.

- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.
- LINDON, A. La ciudad y la vida urbana a través de los imaginarios urbanos. *EURE*, v. XXXIII, n. 99, p. 7-16, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19609902>>. Acesso em: nov. 2015.
- MAYOL, P. O bairro. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 37-45.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- SEABRA, O. C. L. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SOUZA, M. L. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139-172, abr. 1989. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1989_v51_n2.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2012.
- SUERTEGARAY, D. M. A. **Cadernos Geográficos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. n.1, maio de 1999.
- VERDUM, R. Perceber e conceber a paisagem. In: VERDUM, R.; VIEIRA, L. F. S.; PINTO, B. F.; SILVA, L. A. P. **Paisagem: leituras, significados e transformações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p. 15-22.